

O OLHAR DA PSICOLOGIA SOCIAL SOBRE ATITUDES ANTISSOCIAIS: PRECONCEITO E ESTEREÓTIPOS

Daylane Miranda¹

Larisa Alves Cavalcante²

Raimunda Alves Melo³

RESUMO

Este estudo decorre de pesquisa desenvolvida durante as aulas do componente curricular Psicologia Social do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Petrônio Portela. O objetivo dessa investigação foi analisar as atitudes antissociais relacionadas ao preconceito e estereótipo a luz dos estudos da Psicologia Social. Para tanto, inicialmente discutiu-se o conceito de Psicologia Social e suas características, prosseguiu-se abordando os conceitos relacionados ao tema atitude antissocial, com enfoque sobre preconceito e estereótipo, evidenciando como ocorrem e por quais as principais causas. O estudo foi realizado a partir de análise da literatura por meio de revisão integrativa, um método de pesquisa caracterizado pela avaliação crítica e síntese das evidências disponíveis do tema investigado, tendo como referência Mendes, Silveira e Galvão (2008). O resultado aponta que a Psicologia Social tem um papel imprescindível, pois ao estudar os fenômenos sociais, a partir da análise da subjetividade, construída e ou modificada no decorrer da atuação e inserção social dos sujeitos, contribui para a produção de conhecimentos que geram que interferem em comportamento e intervenções no campo da Psicologia. O estudo e a problematização de temas como atitude antissocial, preconceito e estereótipo, proporciona reflexões que possibilitam aos indivíduos refletirem e entenderem a razão de suas ações, importante fator para a mudança de comportamento.

Palavras-chave: Psicologia Social. Atitudes. Preconceito. Estereótipo.

1 Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, Campus de Teresina. E-mail: daylane@gmail.com

2 Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, Campus de Teresina. E-mail: larisa-lara@hotmail.com

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, Piauí, Brasil. E-mail: raimundinhamelo@yahoo.com.br

THE VIEW OF SOCIAL PSYCHOLOGY ABOUT ANTI-SOCIAL ATTITUDES: PREJUDICE AND STEREOTYPES

ABSTRACT

This study results from research developed during the classes of the Curricular Social Psychology component of the Pedagogy Course of the Federal University of Piauí, Campus Minister Petrônio Portela. The aim of this research was to analyze the antisocial attitudes related to prejudice and stereotype the light of social psychology studies. Therefore, initially the concept of Social Psychology and its characteristics was discussed, we continued to address the concepts related to the theme antisocial attitude, focusing on prejudice and stereotype, evidencing how they occur and by which the main causes. The study was conducted from analysis of the literature through integrative review, a research method characterized by critical evaluation and synthesis of the available evidence of the theme investigated, having as reference Mendes, Silveira and Galvão (2008). The result points out that Social Psychology plays an indispensable role, because by studying social phenomena, based on the analysis of subjectivity, constructed and modified during the performance and social insertion of the subjects, contributes to the production of knowledge that interferes with behavior and interventions in the field of Psychology. The study and problematization of themes such as antisocial attitude, prejudice and stereotype, provides reflections that enable individuals to reflect and understand the reason for their actions, an important factor for behavior change.

Keywords: Social Psychology. Attitudes. Prejudice. Stereotype.

1 INTRODUÇÃO

A Psicologia Social é um ramo da Psicologia, através da qual são estudadas as relações humanas desde um enfoque individual até uma perspectiva mais ampla, ou social. Trata-se de uma ponte entre a Psicologia e a Sociologia, agregando valores dessas duas áreas científicas, considerando as influências sociais pelas quais passam o indivíduo e seus reflexos na formação humana (SOUSA; LANE, 2009).

Segundo Lane (1981), a Psicologia Social surgiu no século XIX, a partir das concepções e estudos do filósofo francês Augusto Conte, segundo o qual a Psicologia

Social seria subproduto da Sociologia e da Moral, sendo encarregada em dizer como o indivíduo poderia ser, ao mesmo tempo, causa e consequência da sociedade. Por essa razão, Conte é considerado o pai desta ciência.

No entanto, somente após a Primeira Guerra Mundial, por volta de 1920, é que a Psicologia Social se desenvolveu como estudo científico e sistemático. Segundo Carvalho e Júnior (2017, p. 4), “Num mundo abalado por crises e conflitos, os pesquisadores encontraram um campo a ser amplamente estudado, visando descobrir uma maneira de preservar os valores de liberdade e os direitos humanos numa sociedade tensa e arregimentada.

Estudos realizados por Block e Gonçalves (2007), informam que existem diferentes definições sobre o objeto de estudo da Psicologia Social. Para esses autores, a mesma pode ser compreendida como o estudo, no âmbito da psicologia, dos fenômenos sociais na sua dimensão subjetiva. Reforçam que interessa a essa área compreender os fenômenos sociais a partir da análise da subjetividade que vai sendo construída ou modificada no decorrer da atuação e inserção social dos sujeitos e, ao mesmo tempo, vai construindo os fenômenos.

Tendo como referência os estudos dos autores supracitados, nesta investigação, a Psicologia Social é compreendida como um campo de estudos sobre o comportamento do indivíduo e aquilo que o influencia socialmente, ou seja, investiga e analisa as situações e variáveis em que a conduta humana é influenciada e influencia a de outras pessoas. Sendo assim, Psicologia Social se preocupa em conhecer como o homem se insere socialmente no meio em que vive e como pode se tornar agente histórico da sociedade em que atua. Conforme Cherry (2016), a Psicologia Social não analisa apenas as influências do meio em que vive o sujeito, mas também estuda as percepções desse meio, tratando-o como uma entidade, visando compreender o comportamento social; e analisa as interações que compreendem a sociedade.

A Psicologia Social encontra-se dividida em dois blocos, o primeiro é formado por teorias dicotômicas que fazem separações entre o indivíduo e a sociedade; o

segundo ramo compõe-se das teorias que criticam a dicotomia entre o indivíduo e a sociedade e defendem que o ser humano só existe em vida coletiva. Como membro dessa perspectiva, Lane (1994) afirma que reconhece a especificidade da Psicologia Social, cujo objetivo é conhecer o indivíduo no conjunto das relações sociais, tanto naquilo que é específico, quanto naquilo que é manifestação grupal e social. No entanto, a referida autora reconhece que a Psicologia Social se volta também para os estudos que buscam responder a questão de como o homem se torna sujeito e transformador da própria história e da sociedade.

A Psicologia Social se divide em conceitos e categorias, como: atividade, consciência, identidade, sentidos e significados. Block, Furtado e Teixeira (2008), afirmam que a *atividade* é a unidade básica fundamental da vida do sujeito material e é por meio dela que o ser humano se apropria do mundo; a *consciência*, segundo estes autores, é um certo saber, é produto das relações sociais que os seres humanos estabelecem; a *identidade* é a síntese pessoal sobre si mesmo, incluindo dados pessoais, biografia, atributos que os outros lhe conferem; o *sentido* marca a passagem da psique natural para a psique histórico-social; os *significados* são possibilitados pelos sentidos, no mesmo tempo que fazem parte do sentido.

Considerando o fato de que a Psicologia Social estuda as influências do meio em que vive o sujeito, bem como suas percepções, visando compreender o comportamento social e as interações humanas que ocorrem em sociedade, também é seu objeto de estudo os fenômenos sociais, e como parte deles as atitudes antissociais relacionadas de preconceito, estereótipos e discriminação, que precisam ser estudadas, compreendidas e discutidas de forma reflexiva, razão pela qual considera-se que este artigo possa ser útil a professores, estudantes, entre outros que buscam aprimoramento sobre o tema.

Diante dessa realidade situada e descrita, objetivo dessa investigação foi analisar as atitudes antissociais relacionadas ao preconceito, estereótipo e discriminação à luz dos estudos da Psicologia Social. Para tanto, inicialmente discutiu-se o conceito de Psicologia Social e suas características e na sequência

prosseguir-se-á abordando os conceitos relacionados ao tema atitude antissocial, com enfoque sobre preconceito, estereotipo e discriminação, evidenciando como ocorrem e por quais as principais causas.

2 METODOLOGIA

A análise da literatura, aqui apresentada, foi realizada por meio de revisão integrativa. Este método de pesquisa é caracterizado pela avaliação crítica e síntese das evidências disponíveis do tema investigado. Tem como objetivo reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre um determinado tema, de forma sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento investigado (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Tendo como referência as orientações das referidas autoras, realizou-se o trabalho de análise e avaliação de artigos sobre o tema da investigação, por meio das seguintes etapas: a) *identificação do tema e das questões da pesquisa* (etapa apresentada na introdução deste trabalho); b) *estabelecimento de critérios para a inclusão e exclusão de estudos/amostragem ou busca na literatura*. Utilizou-se como critério de escolha artigos e livros publicados por autores renomados na área. c) *Definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados*. Neste aspecto, decidiu-se pela síntese dos conhecimentos que tratam sobre atitudes antissociais relacionadas de preconceito, estereótipos e discriminação, d) *avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa*. Esta etapa foi realizada logo após a síntese de cada um dos artigos. e) *interpretação dos resultados*; f) *apresentação da revisão/síntese do conhecimento*.

3 ATITUDES ANTISSOCIAIS, PRECONCEITO E ESTEREOTIPO

Um breve olhar sobre as notícias jornalísticas diárias é suficiente para perceber a dimensão de quão profundos são os impactos das atitudes antissociais sobre as

pessoas. A compreensão das razões pelas quais os seres humanos desenvolvem comportamentos antissociais é importante para saber se estas atitudes ocorrem esporadicamente e de modo isolado ou se constituem síndromes, representando um desvio do padrão de comportamento esperado para pessoas da mesma idade e sexo em determinada cultura, conforme Bordin e Offordb (2000).

A título de esclarecimento, atitude é uma tendência para responder a um objeto social (situação, pessoa, fato) de modo favorável ou desfavorável. Trata-se de uma pré-disposição, uma tendência do indivíduo se comportar de determinada maneira. A atitude também pode ser influenciada por uma posição intencional e ou proposital que faz com que o mesmo se comporte de uma determinada forma, que depende da maneira como são processadas as informações obtidas no meio social. Segundo Maisonneuve (1977, SI):

Uma atitude consiste numa posição (mais ou menos cristalizada) de um agente relativamente a um objeto social (pessoa, grupo, situação ou valor); exprime-se mais ou menos abertamente através de diversos indicadores (palavras, tons, gestos, atos, escolhas ou não escolhas); exerce uma função cognitiva, enérgica e reguladora nos comportamentos que lhes são subjacentes.

Dessa forma, a atitude desenvolve-se através um sistema relativamente estável de organização de experiências e comportamentos relacionados com um objeto ou evento particular, de modo que, para cada atitude há um conceito racional e cognitivo – crenças e ideias, valores afetivos associados de sentimentos e emoções que, por sua vez, levam a uma série de tendências comportamentais, ou seja, as predisposições.

A atitude é composta por três componentes: um cognitivo, um afetivo e um comportamental. O *componente afetivo* refere-se às ideias, crenças e opiniões que o ser humano desenvolve acerca das pessoas, situações ou grupos sociais; o *componente afetivo* refere-se aos sentimentos e aos sistemas de valores (positivos ou negativos) que as pessoas desenvolvem em relação ao objeto social; o *componente comportamental* engloba uma fusão dos dois componentes anteriores,

ou seja, trata-se de um conjunto de respostas do sujeito frente ao objeto social, influenciadas pelas ideias, crenças e valores (KRECH; CRUTCHFIELD, BALLACHEY, 1962).

Em síntese, *a atitude* tem como referência um objeto que pode ser uma abstração, uma pessoa, um grupo ou uma instituição social; *o afeto* é um valor que pode gerar sentimentos positivos, que, por sua vez, gera uma atitude positiva, ou pode gerar sentimentos negativos que pode gerar atitudes negativas e o *comportamento* – a predisposição: sentimentos positivos levam à aproximação; e negativos, ao esquivamento ou escape.

Uma atitude é considerada antissocial quando apresenta um desvio do padrão de comportamento esperado para pessoas da mesma idade e sexo em determinada cultura, podendo ser tratada sob diferentes pontos de vista que levam em conta os aspectos legais (criminologia) e psiquiátricos. Segundo Bordin e Offordb (2000), do ponto de vista legal, implica em ações que transgridem as leis, já as atitudes antissociais relacionados aos transtornos psiquiátricos são mais abrangentes e se referem a comportamentos condenados pela sociedade, com ou sem transgressão das leis do Estado.

Assim, compreende-se o preconceito como uma atitude ou comportamento negativo que são direcionados a pessoas ou grupos sociais baseado em um julgamento prévio e mantido, ainda que diante de fatos que os contradigam. No Brasil, a Lei Nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, em seu Art. 1º afirmam que serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Construído ao longo da história da humanidade, principalmente durante o Século XIX, o preconceito, nos seus primórdios, não era visto pela comunidade científica americana e europeias como uma preocupação, pois acreditava-se que existiam diferenças de superioridade e inferioridade entre as raças. Somente a partir dos anos 30 foi que a visão sobre o preconceito foi modificada e o mesmo passou a ser encarado como irracional e inaceitável. Segundo Carvalho e Júnior (2017, p. 4),

somente após a Primeira Guerra Mundial, por volta de 1920, “num mundo abalado por crises e conflitos, os pesquisadores encontraram um campo a ser amplamente estudado, visando descobrir uma maneira de preservar os valores de liberdade e os direitos humanos numa sociedade tensa e arregimentada”.

Os autores supracitados reforçam que, no pós guerra, cientistas buscavam entender diversos fenômenos sociais como a liderança, preconceito, propaganda, conflitos de valores e como os indivíduos se comportavam frente a estes. “A sociedade era o grande objeto de estudo nessa época, suas motivações, atitudes frente à determinadas situações, padrões de comportamento (CARVALHO; JÚNIOR, 2017, p. 4). Foi a partir daí que começou-se a refletir sobre as questões de superioridade de determinados grupos sobre os demais, cenário que motivou o surgimento das primeiras fagulhas em prol dos direitos humanos e igualdade social.

Segundo Allport (1954), o preconceito é o resultado das frustrações das pessoas, que, em determinadas circunstâncias, podem se transformar em raiva e hostilidade. As pessoas que se sentem exploradas e oprimidas frequentemente não podem manifestar sua raiva contra um alvo identificável ou adequado; assim, deslocam sua hostilidade para aqueles que estão ainda mais “baixo” na escala social.

Para Adorno et al (1950), a fonte do preconceito é uma personalidade autoritária ou intolerante, uma vez que, pessoas autoritárias tendem a ser rigidamente convencionais, partidárias do seguimento às normas e do respeito à tradição, hostis com aqueles que desafiam as regras sociais. Reforça ainda que pessoas preconceituosas costumam respeitar a autoridade e submetem-se a ela, bem como se preocupam com o poder da resistência. Ao olhar para o mundo através de uma lente de categorias rígidas, elas não acreditam na natureza humana, temendo e rejeitando todos os grupos sociais aos quais não pertencem, assim, como suspeitam deles. Nesse sentido, o preconceito é uma manifestação de sua desconfiança e suspeita.

Entende-se como estereótipo um conjunto de características presumidamente partilhadas por todos os membros de uma categoria social, a partir de um esquema

simplista, mas mantido de maneira muito intensa envolvendo qualquer aspecto distintivo de uma pessoa – idade, raça, sexo, profissão, local de residência ou grupo ao qual é associada.

Segundo Pereira (2002), a instalação do estereótipo relaciona-se a interpretação associada à cultura, que determina de forma estereotipada a noção interna sobre o mundo externo. Este autor reforça que, o enfoque de “quem são os outros”, é feito pela perspectiva da análise individual, assim, o outro pode ser qualquer um, inclusive o próprio observador em outra situação, e geralmente a análise do outro é feita por concepções errôneas, conferindo uma avaliação negativa.

A definição de um estereótipo surge a partir de uma opinião formada, de acordo com os códigos da cultura, para se analisar o mundo antes mesmo de observá-lo. Pereira (2002) afirma que o mundo estaria ordenado por códigos, passados de geração a geração, favorecendo a estereotipia, que por função defenderia as tradições culturais e posições sociais. Nesse sentido, quando nossa primeira impressão sobre uma pessoa é orientada por um estereótipo, tendemos a deduzir coisas sobre a pessoa de maneira seletiva ou imprecisa, perpetuando, assim, nosso estereótipo inicial. Pereira (2002) descreve também mecanismos envolvidos na formação dos estereótipos, citando memória, atenção, codificação das informações, afetos, autoimagem e processos automáticos controlados. Esses mecanismos seriam agentes na categorização do outro, e por seguirem critérios diversos, tornam distinta a observação de cada um.

Para Rodrigues (1996), os estereótipos se apresentam como preditores de comportamentos, ao ponto que o conhecimento a respeito do estereótipo das pessoas permite a formulação da probabilidade acerca de certos comportamentos. Participam também, de forma essencial, na formação da auto imagem das pessoas, reduzindo a necessidade de atenção e processamento de informação do indivíduo, interferindo na maneira como interagimos com determinados grupos (RODRIGUES, 1996).

Segundo Pereira (2002), desde a década de 90, teorias sobre estereótipos têm considerado o individual ou o contextual, enfatizando ou não o conflito, delineando quatro perspectivas, a saber:

- a) A primeira observa a teoria individualista e o conflito, em geral teorias psicanalíticas, centradas em noções de repressão, projeção e catarse. Essa microanálise observa que crenças surgem com o tempo e devido a experiências repetidas.
- b) A segunda avalia o contexto e não o conflito. São teorias socioculturais, que enfatizam a aprendizagem social, especialmente evolução e meios de transmissão dos estereótipos. Essa macro-análise enfoca que crenças são compartilhadas, sendo a sociedade o depósito da informação, além de admitir a importante influência da mídia, contribuinte para uma indústria cultural.
- c) A terceira é a teoria da identidade social, que reúne a dimensão contextual e o conflito, sugerindo que ao se perceber membro de um grupo, o indivíduo sente-se com as características daquele grupo, compartilhando percepções e comportamentos.
- d) A última abordagem refere-se à teoria da cognição social, que observa o individual e não o conflito. Esses processos favoreceriam a similaridade entre membros de um grupo. Seriam usados para racionalizar as próprias atitudes e dos demais e forneceria prescrições, por definirem concepções e comportamentos em relação a uma situação.

Em síntese, os estereótipos podem ser corretos, incorretos, positivos, negativos e podem envolver qualquer aspecto da vida da pessoa – idade, sexo, profissão, raça, grupo em que é inserida.

No tocante as atitudes antissociais envolvendo preconceito e estereótipos, conclui-se que a educação formal escolar é uma importante aliada na luta contra a disseminação de atitudes preconceituosas, podendo e devendo contribuir para a desconstrução de preconceitos estabelecidos e formado estudantes que reflitam, questionem e não acetem atitudes sociais inadequadas

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Através do estudo constatou-se que o modo como pensamos, agimos ou nos comportamos pode incluir atitudes antissociais, que são negativas em todos os aspectos. Outrossim, evidenciou-se também que atitudes podem ser mudadas por meio de reforços e incentivos.

Nesse cenário, a Psicologia Social tem um papel imprescindível, pois ao estudar os fenômenos sociais, a partir da análise da subjetividade, construída e ou modificada no decorrer da atuação e inserção social dos sujeitos, contribui para a produção de conhecimentos que geram que interferem em comportamento e intervenções no campo da Psicologia. O estudo e a problematização de temas como atitude antissocial, preconceito e estereótipo, proporciona reflexões que possibilitam aos indivíduos refletirem e entenderem a razão de suas ações, importante fator para a mudança de comportamento.

Tendo em vista que o preconceito e estereótipos negativos são construções históricas e sociais de difícil erradicação, evidenciou-se que os processos educativos sistematizados são de fundamental importância para sensibilização e conscientização sobre as consequências das atitudes antissociais para a vida humana e social, uma vez que, a convivência respeitosa e solidária é indispensável para a convivência em sociedade, para a superação de desafios que colocam em risco a vida social.

5 REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W., FRENKEL-BRUNSWIK, E., LEVINSON, D. & SANFORD, R. N. **The authoritarian personality**. New York: Harper & Row, 1950.

ALLPORT, G. **The nature of prejudice**. Cambridge: Addison-Wesley, 1954.

BODIN, I. A. S; OFFORDB, D. R. Transtorno da conduta e comportamento anti-social. **Rev. Bras. Psiquiatr.** vol.22 s.2. São Paulo Dec. 2000, p. 1-10. Disponível

em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000600004>. Acesso em 01 março de 2020.

BOCK, A; FURTADO, O. TEIXEIRA, M.L. **Psicologias**. 14ª. Ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

BOCK, A. M. B., GONÇALVES, M. G. M., & Furtado, O. (2007). Silvia Lane e o projeto do “compromisso social da Psicologia”. **Psicologia & Sociedade**, 19(n. spe. 2), 46-56. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v28n3/1807-0310-psoc-28-03-00562.pdf>. Acesso em 01 março de 2020.

BRASIL. **Lei Nº 7.716**, de 5 de janeiro de 1989. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1989/lei-7716-5-janeiro-1989-356354-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 01 março de 2020.

CARVALHO, T. S. V; JÚNIOR, I. C. A. C. Psicologia Social: Conceitos, História e Atualidade. **Psicologia: O portal dos psicólogos**, 2017, p. 1 - 15 . Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0421.pdf>. Acesso em 01 março de 2020.

CHERRY, K. **Basics of Social Psychology**. Verywell (2016). Disponível em: <<http://www.verywell.com/>>. Acesso em 01 março de 2020.

JACQUES, M. da G. Corrêa et al. **Psicologia Social Contemporânea: Livro-texto**. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2013. 226 p.

LANE, S. T. M. **O que é Psicologia Social**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981, 88 p.

LANE, S. T. M. (1984). A Psicologia social e uma nova concepção de homem para a "Psicologia". In S. T. M. Lane, & W. Codo (Orgs.), **Psicologia social: o homem em movimento** (pp. 10-19). São Paulo: Brasiliense.

KRECH, D., CRUTCHFIELD, R. S., & BALLACHEY, E. L. **Individual in society**. New York: McGraw-Hill, 1962.

MAISONNEUVE, J. **Introdução à Psicologia**. São Paulo: Nacional, Edusp, 1977.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. de C. P; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, Brasil, n. 17(4), p. 758-764, 2008.

PEREIRA, M. E. **Psicologia social dos estereótipos**. São Paulo, SP: EPU, 2002.

RODRIGUES, A. **Psicologia Social**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

SOUSA, E. A. de; LANE, S. T. M: **Uma contribuição aos estudos sobre a Psicologia Social no Brasil**. Temas em Psicologia. Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, 2009. Disponível em:
<<http://www.pepsic.bvsalud.org/>>. Acesso em 01 março de 2020.